



6º SIPEMAT

Simpósio Internacional de Pesquisa
em Educação Matemática

6º INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON RESEARCH IN MATHEMATICAL EDUCATION
6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN MATEMÁTICA
6º SYMPOSIUM INTERNATIONAL SUR LA RECHERCHE EM ÉDUCTION
MATHÉMATIQUE

23 a 25 de maio de 2024 – CAMPINA GRANDE- PARAÍBA - BRASIL
ISSN XXX-XX-XXXXX-XX-X

MEMÓRIA INTERGERACIONAL CRÍTICA DA DOCÊNCIA EM MATEMÁTICA

Ledevande Martins da Silva¹
Marlúcia Menezes de Paiva²

RESUMO

Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento, no qual partimos da memória intergeracional crítica de docentes de Matemática no tempo presente, objeto este da nossa investigação. Diante disso, temos a pergunta de pesquisa, que compreensões emergem em torno da trajetória formativa de professores que ensinam Matemática, por meio de suas memórias narrativas críticas em forma de denúncias e anunciações, na (re)construção das histórias da docência a partir de suas experiências de formação, inserção e desenvolvimento profissional docente. O objetivo desta investigação é entender a constituição da trajetória profissional docente, levando-se em consideração a perspectiva crítica dos participantes, de maneira que possam realizar uma reflexão-afetivo-crítica das memórias narrativas da docência em Matemática com lutas e resistências no tempo presente. Como fundamentação teórica trazemos a abordagem conceitual da memória intergeracional crítica em Halbwachs, Candau, Freire e Benjamim. Para efetuarmos este intento, realizamos entrevistas semiestruturadas com 8 docentes que ensinam Matemática da região da Paraíba e Pernambuco nascidos nos anos compreendidos entre 1970 e 1985. A análise dos dados dessa investigação é baseada no materialismo histórico-dialético articulando as quatro categorias: totalidade, mediação, particularidade e contradição para as três vertentes de memória: memória da formação, memória-política e memória do trabalho, inspirado em Ecléa Bosi e adaptado ao campo da docência. Ao final da tese, esperamos contribuir para as investigações que analisam e interpretam as memórias narrativas críticas da trajetória de emancipação docente durante o seu processo formativo e atuação profissional enquanto agente de transformação social.

Palavras-chave: Memória intergeracional. Docência em Matemática. Tempo presente. Materialismo histórico.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: ledevande.martins@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: mmarlupaiva3@gmail.com

INTRODUÇÃO

No século XX passado, a democracia foi interrompida diversas vezes, as ditaduras do período Vargas (1937-1945), a ditadura empresarial-militar no Brasil que durou 21 anos (1964-1985); e, em meados da segunda década do nosso século XXI, o mais recente, golpe institucional (parlamentar-jurídico-midiático) de 2016 sobre a presidenta Dilma Rousseff (2011-2016), dentre outros desdobramentos traumáticos. Esses acontecimentos, deixou-nos uma herança de marcas profundas de autoritarismo na sociedade brasileira, na Educação de modo geral, na formação docente, bem como no ensino de Matemática.

No contexto da docência, há uma afirmação que diz que na “alma” de um professor brasileiro abriga um jesuíta, um colonizador e um ditador da Tese de Doutorado de Walkyria Maria Monte Mór intitulada *“Linguagem e Leitura da Realidade: Outros Olhos e Outras Vozes”* defendida pela Universidade de São Paulo – USP no Doutorado em Educação em 1999. Esse pressuposto inicial passou a ser adotado na área dos estudos da Memória Intergeracional no Brasil porque isso tem a ver com a denominada virada narrativa (linguagem afetiva) para a formação de professores que mantém a relação do tempo presente da memória com a História da Educação Brasileira.

A título de fechamento de concepções de ensino de Matemática que produzem e reproduzem docentes com caráter missionário (sacerdotal), militarista, tecnicista e culturalista sem maiores digressões que a historiografia oficial requereria, na virada do século XX para o XXI, essas ideias são reconfiguradas na perspectiva da formação crítica de professores com características nítidas de uma educação voltada para construção de senso crítico e dialogismo em sala de aula.

Este entendimento vai se contrapor ao fenômeno do *coachismo* educacional que está impregnado de um certo amadorismo pedagógico para atender as variações do mercado financeiro (empreendedorismo, meritocracia, etc) sob a égide do capitalismo na sua forma mais avançada e perversa (neoliberalismo). Diante disso, devido à superficialidade ao tratamento dado a uma área tão importante quanto à formação do ser humano, não podemos ficar reduzidos hodiernamente aos testes psicométricos de avaliação em larga escala baseado em princípios neoliberais e de políticas de austeridade para classe trabalhadora.

A motivação que nos levou a ter interesse por essa temática das memórias narrativas críticas da docência em Matemática, nesta tese, diz respeito à realização de denúncias e anunciações acerca da formação, inserção e atuação docente de modo que possamos contribuir para as investigações que analisam e interpretam a trajetória de emancipação docente durante o seu percurso formativo e atuação profissional enquanto agente de transformação social.

A partir dessa intencionalidade, chegamos a seguinte pergunta de pesquisa: *Que compreensões emergem em torno da trajetória formativa de professores que ensinam Matemática, por meio de suas memórias narrativas críticas em formas de denúncias e anunciações, na (re)construção das histórias da docência a partir de suas experiências de formação, inserção e desenvolvimento profissional docente? Quais as contribuições e potencialidades da memória intergeracional crítica da docência em Matemática mediante as lutas e resistências no tempo presente para a Educação Matemática?*

REVISÃO SELETIVA DE LITERATURA

Há uma diversidade de modalidades de revisão de literatura, na nossa tese adotamos a revisão de literatura do tipo seletiva. Pois, consideramos mais adequada à proposta de pesquisa com memória intergeracional crítica, que explicitamente com essa nomenclatura, tratar-se-á possivelmente de um novo nicho de estudo para o campo específico da Educação Matemática. No entanto, encontramos nas denominadas áreas afins - Ensino e da Educação de modo geral - estudos relativos à essa temática de investigação.

A revisão necessária nesta etapa é uma revisão seletiva, e não abrangente, da literatura (...). O principal propósito da revisão seletiva é aguçar suas considerações preliminares sobre o tema de estudo, método e fonte de dados (...), seu objetivo é revisar e relatar em maior detalhe um leque específico de estudos anteriores, diretamente dirigidos a seu provável tema de estudo, método e fonte de dados (YIN, 2016, p.55).

Ao fim e ao cabo, a revisão seletiva de literatura realizada acabou abrangendo um levantamento de produções científicas com recorte de 2018 a 2021 na área de Ensino e Formação Crítica de Professores, bem como na área de

Educação do Campo para Formação Crítica de Professores ambos na categoria de áreas afins: Mattos e Caetano (2018; 2019), Mattos (2020), Castro (Org.) (2020) e Caetano (Org.) (2021) que incorporaram o conceito teórico da Memória Intergeracional (“Pós-memória”) na perspectiva da formação crítica de professores. Por último, trazemos 1 artigo isolado relativo à ludopolítica e ao pensamento *coach* forjados para atender ao mercado de trabalho sob a égide do neoliberalismo de Grillo e Grando (2021) que tem a ver com a percepção, mais imediata, da memória intergeracional crítica no tempo presente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Abordagem Teórica Conceitual acerca da Memória Intergeracional Crítica

As ideias e valores predominantes de uma determinada sociedade tem a ver com a herança histórica e memorialística de hegemonia econômica, militar, política e cultural da classe dominante, enquanto a classe dominada (oprimidos e espoliados) nas suas lutas e resistências preservam tenazmente no coração (alma) e na mente sua própria história e memória. Portanto, há de se fazer a batalha pela memória e das ideias com criticidade e possibilitar a formação de agentes de transformação social que envolve todo um processo dialético construído socio-historicamente a partir de todos os que vieram antes de nós. Pois, quem domina o passado, controla o presente e o futuro que virá.

(...) a história da memória, é afinal de contas, a história da liberdade. Das tribos paleolíticas às nações modernas, quem controla a memória detém o poder. Portanto, a história da memória – da evolução do cérebro humano, da invenção da linguagem escrita e da linguagem falada, da invenção de maneiras sempre novas de registrar as experiências, (...) – é também a história da libertação do espírito humano. Trata-se das memórias da memória e da democratização da recordação – e do seu controle (MALONE, 2014, p. 13).

Um dos iniciadores do debate sistemático acerca dos estudos da memória na Sociologia foi Maurice Halbwachs (1877-1945) na obra “Memória Coletiva” (2006) que trata da memória geracional e dos grupos familiares herdada como “o laço vivo das gerações” (re)construída em meio a disputa e contradição no jogo do reconhecimento e afirmação da memória e constituição de sua identidade social.

Para Halbwachs (2006), a memória geracional (individual/coletiva) ocorre de mais fácil transmissão na sociedade. Não obstante, para os mais vulneráveis da esfera social que estão imersos nas contradições sociais, se não conseguir manter o tempo vivo da memória correm riscos de perda e alienação das suas referências de constituição de sua identidade e da consciência social (unidade).

Ecléa Bosi (1936-2017), em *“Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”* (1987) e *“O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social”* (2022) faz alusão à obra *“Memória Coletiva”* (2006) de Halbwachs, nela defende a tese de que a memória individual é também memória coletiva assim como “a memória grupal é feita de memórias individuais” (Bosi, 1987, p. 340). A história é a construção da memória e da lembrança; e, ainda, do ponto de vista didático tipifica em memória de formação, memória-política e memória do trabalho (Bosi, 1987; 2022). Portanto, há uma relação dialética entre memória coletiva e memória individual, aquilo que nos parece unidade é múltipla de relações e determinações. Enquanto na memória social quando institucionalizada pelo Estado liberal-burguês predomina a relação de poder tendencialmente voltada para a memória da classe dominante.

Joël Candau que é filiado à antropologia social, na obra *“Memória e Identidade”* (2021), baseando-se na literatura francófona, traz a nomenclatura de memória geracional herdada do Halbwachs, subdividindo-a em três categorias: intrageracional, intergeracional e transgeracional. Vamos nos ater a concepção de Candau (2021) relativa à memória intergeracional como àquela que atua nos processos intraindividuais do pensamento e nas representações mentais (crenças, intenções e preferências) herdadas de geração a geração imediatamente superior. Podemos falar em primeira, segunda geração, etc. No entanto, quanto mais se afasta no tempo, vai deixando de ser intergeracional e se adequando mais na tradição do que a literatura vem denominando de transgeracionalidade.

O ser humano faz do seu tempo presente o espaço histórico primordial de conhecimento do mundo, podendo transformá-lo ao nível do inédito viável (utopia do impossível que se torna possível) por meio do trabalho de humanização e conscientização em relação ao trabalho educativo na comunhão entre educador e educando para juntos, isto é, na docência desvendar e modificar a realidade concreta. Pois, o trabalho docente é uma atividade com um fim emancipatório no qual quem ensina aprende e quem aprende também ensina. “Não há docência sem

discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro” (FREIRE, 2019, p.25).

Essa perspectiva da pedagogia freiriana se diferencia dos movimentos empresariais das fundações e entidades privatistas que penetram e impregnam a educação brasileira contemporânea baseada em princípios distorcidos e equivocados por meio de uma educação neoliberal, conservadora e autoritária. Em contrapartida, a compreensão humanista e humanizadora freiriana para ser alcançada exige um alargamento de seu entendimento com profissionais que possam se posicionar politicamente na luta, resistência e (re)existência com memórias narrativas críticas de professores que ensinam Matemática. Por conseguinte, “Desafiar o povo a ler criticamente o mundo é sempre uma prática incômoda para os que fundam o seu poder na inocência dos explorados” (FREIRE, 2022, p. 120).

Há uma entrevista de 18 de junho de 1995 que está disponível no *Youtube* (<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspud/handle/7891/1880>) sugerida pelo professor norte-americano Jeremy Kilpatrick (1935-2022) que foi apresentada no evento *International Congress on Mathematical Education 8* (ICME – Congresso Internacional de Educação Matemática 8) de 1996 em Sevilha na Espanha. Nessa entrevista, a educadora matemática Maria do Carmo Dominte (1948-2015) reúne Paulo Freire (1921-1997) e Ubiratan D'Ambrosio (1932-2021) para uma conversa informal sobre alfabetização matemática, literacia (letramento), materacia ou matemacia (numeramento), educação matemática e formação de professores.

É firmado desse encontro a concepção de Matemática humanista, solidária, crítica e transformadora. Com isso, a educação matemática se estabelece enquanto ação cultural de ler e escrever matematicamente o mundo vinculada à formação crítica e à promoção da emancipação humana. Além do pensamento freiriano se tornar referência para muitos autores estrangeiros da educação matemática tais como: Arthur Powell, Marilyn Frankenstein, Eric Gutstein, Ole Skovsmose, dentre outros.

A (re)construção da memória sob uma perspectiva histórica com formação de pensamento crítico é vigorosamente necessária, sobretudo em momentos de negação da Ciência e da História. Com isso, devemos estar conscientes do presente e do passado dos vencidos, e não somente dos vencedores. Atribuindo

real importância as memórias individuais e coletivas dos vencidos que ainda estão vivas para não incidirmos nos erros do passado. Desta forma, acreditamos garantir um futuro mais promissor para as atuais e próximas gerações. Pois, precisamos lembrar para que os episódios nefastos precedentes nunca mais aconteçam! “Articular o passado não significa conhecê-lo como ele foi de fato. Significa apoderar-se de uma recordação, tal como ela relampeja no instante de um perigo” (BENJAMIM, 2020, p. 36).

Para Agostini (2019) em estudos de pós-doutoramento intitulado “Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin”, ele nos esclarece que independentemente da filiação teórica desses dois autores há em comum entre eles o materialismo histórico, que não se encerra em si mesmo; e, vai além dos dogmatismos e sectarismos de grupos reducionistas e extremistas. Pois, há um diálogo amplificado com o humano histórico no tempo do agora (*Jetztzeit*). Sobretudo, devido à contribuição deles na inserção e busca de fundamentação objetiva e teórica relacionada ao legado da memória (subjetividade) ao ligar a emergência do perigo para a urgência de uma (re)construção e transformação do mundo para melhor via formação pedagógica crítica a serviço da emancipação humana.

Espreitar o sinal de alerta diante de um incêndio consiste em estimular nossa lembrança diante dos reveses do passado para não cairmos no conformismo e na inércia, “suscita o interesse dos vencidos pelo combate, estimula um olhar crítico voltado para a história” (Löwy, 2005, p.65). Benjamin, na Tese VIII (*Angelus Novus*) de acordo com Löwy (2005), enuncia que a tradição dos oprimidos nos ensina que o fascismo da extrema direita - estado de exceção, no qual estamos assistindo a sua ascensão em nível mundial para dar resposta à crise do capitalismo é a regra.

Diante disso, segundo Löwy (2005) e Benjamin (2020) para apreender a iminência da catástrofe não é suficiente ser um historiador da cultura sem considerar às condições econômicas, sociais e políticas do tempo do agora (*Jetztzeit*). Por isso, precisamos fomentar a memória intergeracional crítica como ato de luta e resistência que tem a tarefa hercúlea de combater o modelo educacional neoliberal e a desfascistização em nível político, comunicacional e educacional no Brasil de hoje.

UM CAMINHAR TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Marxismo, Materialismo Histórico e Memória

De modo geral, no campo da Formação de Professores no Brasil, houve três viradas que dominaram a formação da docência: a primeira virada ocorreu a partir da década de 80 do século XX com o professor reflexivo sob influência de autores como Shön (1992), Zeichner (1993), Alarcão (2011), dentre outros. Além dos estudos sobre saberes, identidade e profissionalização docente como apontou Guimarães (2010) na sua investigação. A segunda virada narrativa ou afetiva se consolida na década de 1990 em diante, no contexto de pesquisas brasileiras no campo educacional, compreendendo as investigações com narrativas da docência – as histórias de vida e da profissão (Nóvoa, 1992a, 1992b).

Finalmente, nas primeiras décadas do século XXI (por volta de 2000 aos dias atuais), chegamos na terceira virada de influência da formação docente com perspectiva do professor reflexivo-afetivo-crítico, marcada sob a égide da investigação com narrativas críticas da docência, a qual estamos denominando de “memória intergeracional crítica”, onde há predominância do pensamento crítico de compreensão alargada nos estudos acerca da educação de estudantes e formação crítica de professores.

A origem do pensamento crítico é de tradição marxista e seu método é denominado de Materialismo Histórico-Dialético (MHD). Este método em Marx não é o único nem mesmo o mais recorrente nos estudos acerca da memória. “Mas é o método por ele descoberto que tem possibilitado o tratamento crítico-analítico da contemporaneidade, em autores tão diversos como Mandel, Mészáros, Harvey e tantos outros” (Netto, 2010, p.53). Por isso, é com uma dialética de influência marxista não mecanicista nem vulgar que podemos compreender a memória intergeracional crítica inscrita na história profissional de uma classe de trabalhadores no tempo presente.

É precisamente sobre a concepção do homem como ser prático e social que repousa a ideia capital do trabalho como forma modelar da práxis, vale dizer, o único modo de criação, é precisamente a partir dessa concepção que Marx elabora a sua teoria da história. Nela se ancoram todas as demais categorias nucleares com que Marx opera, entre as quais destaco as de totalidade, negatividade e mediação, sinalizando o fato de que há enorme riqueza categorial na obra de Marx que é, talvez dentre os autores da modernidade,

aquele que mais construiu categorias. (...) Repito, porém, que todas as categorias só adquirem o seu estatuto concreto se portadas pela práxis (NETTO, 2010, p.60).

Diante disso, escolhemos o MHD porque ele nos fornece um referencial teórico-metodológico inerente à filosofia da práxis para investigarmos a ontologia do ser social que vai auxiliar-nos a pensar sobre o conjunto das memórias de professores no tempo presente. As quatro categorias dialéticas marxistas: totalidade, mediação, particularidade e contradição estão presentes na análise de dados do conjunto das memórias da docência em Matemática sob três vertentes que são enfatizadas na nossa investigação: memória da formação, memória-política e memória do trabalho; elementos estes, inspirado na autora Ecléa Bosi adaptado ao campo da docência.

Contexto de Pesquisa

O conjunto de professores participantes dessa investigação totalizam 8 docentes nascidos nos anos compreendidos entre 1970 e 1985 oriundos das camadas populares que atuam na rede pública municipal, estadual e federal da região da Paraíba e Pernambuco. Foi utilizado como instrumento de pesquisa as entrevistas semiestruturadas via *google meet* com docentes de Matemática que atuam ou atuaram na Educação Básica em torno de questões inerentes às suas trajetórias formativas, inserção e desenvolvimento profissional docente. A maioria deles começa a trabalhar na docência antes de completar a formação inicial em regime de muita exploração e precarização do trabalho docente.

Procedimentos e Análise de Dados

Quanto às escolhas procedimentais desta pesquisa, adotamos a entrevista semiestrutura como técnica de elaboração textual para posterior análise e interpretação dos dados levantados acerca das memórias da formação, memória-política e memória do trabalho.

(...) Entrevista acima de tudo é uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada pelo entrevistador. Ela tem objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo (DESLANES, GOMES, MINAYO, 2013, p.64).

Após a realização da entrevista semiestruturada que foi gravada, seguiu-se os procedimentos de transcrição, textualização e transcrição com elaboração do texto final a ser submetido às análises e interpretações de dados que foram gerados durante todo esse processo investigativo em nível procedimental e crítico-analítico. “A segunda fase da investigação, começa precisamente quando os investigadores, com os dados que recolheram, chegam à apreensão daquele conjunto de contradições” (FREIRE, 2020, p.150).

Algumas considerações...

As entrevistas semiestruturadas já foram finalizadas, estamos trabalhando no refinamento das entrevistas que envolve leitura, acréscimo, revisão ou retirada de partes secundárias e/ou acessórias. Dentre os assuntos tratados, eles giram em torno das memórias de formação, memória-política e memória do trabalho com denúncias e anunciações na concepção freiriana de observância do compromisso ético-político e estético com espaço constante para o diálogo e amorosidade, sem perder o rigor científico e epistemológico.

No processo da descodificação, cabe ao investigador, auxiliar desta, não apenas ouvir os indivíduos, mas desafiá-los cada vez mais, problematizando, de um lado, a situação existencial codificada e, de outro, as próprias respostas que vão dando aqueles no decorrer do diálogo (FREIRE, 2020, p.157).

Por fim, em relação aos estudos da memória intergeracional de recordações no tempo presente foi estendido a exigência de um nível maior de criticidade ao se reconstruir as práticas, ideias, imagens, identificações e conscientizações sobre um passado próximo. Por conseguinte, quando concebemos a memória política da política intergeracional – ou seja, memória intergeracional crítica – que se dá no movimento dialógico e dialético, onde podemos recorrer a memória crítica que possui fundamentalmente perspectiva histórica, sobretudo da memória viva das histórias de uma classe trabalhadora a partir do diagnóstico no seu tempo presente (aqui e agora) que se projeta para frente, mas não esquece as lições do passado; essa, sim, parece-nos ser a abordagem mais plausível e exequível para a nossa proposta de investigação. Por isso, precisamos preservar a memória viva e crítica!

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v.8).

AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamim**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2019.

BENJAMIM, Walter. **Sobre o conceito de história**. Organização e tradução: Adalberto Mülller, Márcio Seligmann-Silva. 1 ed. São Paulo: Alameda, 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. (Biblioteca de Letras e Ciências Humanas. Série 1ª – Estudos Brasileiros. v. 1).

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 4 ed. Cotia (SP): Ateliê Editorial. 2022.

CAETANO, Érica Amâncio (Org.). **Pós-memória e decolonialidade no ensino de línguas no Brasil**: as origens do *status quo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. 1 ed. 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

CASTRO, Carlos Henrique Silva de. **Pós-memória e educação do campo**: relatos sobre o autoritarismo e colonialidade. Diamantina: UFVJM, 2020.

DESLANES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MYNAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 33 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Organização e participação: Ana Maria de Araújo Freire. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 73 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 36 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de professores**: saberes, identidade e profissão. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. (Coleção Entre Nós Professores).

GRILLO, Rogério de Melo; GRANDO, Regina Célia. Ludopolítica: a ditadura da ludicização. In: **Brazilian Journal of Policy and Development**, v.3, n.3, p.145-163, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São

Paulo: Centauro, 2006.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: um aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MALONE, Michael S. **A guardiã de todas as coisas**: uma história épica e biográfica da memória humana: do surgimento do homem à Era da superinformação. Tradução: Claudia Gerpe Duarte, Eduardo Gerpe. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. *In memoriam*: história, memória e pós-memória no Brasil de hoje. In: **Revista X**, v.15, n.4, p.15-20, 2020. <<http://revistas.ufpr.br>>. Acesso em: 04 set. 2022.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida; CAETANO, Érica Amâncio. Memory, postmemory and critical language teacher education. In: **Analecta Política**, v.8, n.15, p.235-254, 2018. D.O.I.: <<https://dx.doi.org/10.18566/apolit.v8n15.a04>>. Acesso em: 04 set. 2022.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida; CAETANO, Érica Amâncio. Memória, pós-memória e formação crítica de professores de línguas. In: **Línguas & Letras**, v.20, n.46, p. 167-186, 2019. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br>>. Acesso em: 04 set. 2022.

MONTE MÓR, Walkyria Maria. **Linguagem e leitura da realidade**: outros olhos e outras vozes. (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação (Linguagem e Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

NETTO, José Paulo. Relendo a teoria marxista. In: SAVIANI, Dermeval; LOBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). **História e história da educação**: o debate teórico-metodológico atual. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2010. (Coleção Educação Contemporânea).

NÓVOA, Antônio. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1992a.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992b.

SHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno. Revisão Técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 54-58.

ZEICHNER, Kenneth. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador-acadêmico. In: FIORENTINI; GERALDI; PEREIRA (Org.). **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado das Letras, 1993.